

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do Jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 1904

NUMERO 49



TROPAS PORTUGUEZAS DA GUARNIÇÃO DE ANGOLA A CAMINHO DO INTERIOR—PREPARANDO O BIVAUQUE *(Segundo um croquis)*

CHRONICA

Os lusos

Os lusos somos nós e muita outra gente boa, Camões, Gama e Castro forte, todas as figuras altas dos Lusíadas e todas as figuras patusticas da Arcada; os lusos são os portuguezes de musculos rijos e olhos doces que pegam toiros como hercules e choram como mulheres ao ouvirem uma guitarra; os lusos são os senhores ministros e os senhores amanuenses e os senhores philarmónicos e os nossos amigos e os nossos flagellos, á excepção do sr. Burmay que veio d'uma tribu d'Israel a assentar-se commodamente á meza da lusa patria. Os lusos são, pois, todas aquellas glorias e todas estas pragas, são os nossos guerreiros e os nossos navegadores e tambem o *Opprobria* e o *Zé da Tapada*, Bôres da historia e cardos do asphalto.

Oh! Os lusos são os mais alegres e os mais valentes seres da terra, são os mais pobres, os que pagam mais impostos e os mais pacificos. Além de tudo isto os lusos são tambem umas novas moedas que vão tornar-se padrão e que o sr. Pequito inventou para que ficassem tendo a correr n'essa Europa uma moeda typo, de que se fale e de que se goste como do franco, do schelling, da lira, do marco, do dollar, do yen e do rublo. Mas, além d'isso, o pensamento que presidiu á creação da nova moeda foi outro, muito mais patriótico e muito mais engenhoso. Toda a gente por ali se queixa da carestia dos generos, e dos transportes, dos fatos que custam rios de dinheiro, do preço das casas e da exorbitancia das decimas e até da fabulosa tabella dos enterres que faz o novo de quando em quando vir para os jornaes berrar contra os padres. Diz-se finalmente que está cara a vida nacional.

Já aquelle soldado que andava sempre sujo e de botas rotas se queixava do mesmo ao capitão que lhe ralhava e acobava por breslar:

—Homem, o teu dinheiro não luz na la!

Elle fez a enraminha acerca da carestia e quando recebem o pret poz-lhe uma vela ao lado para mostrar ao chefe como as moedas luziam.

Se já então existissem os lusos isso não se tornaria necessario, porque d'ora avante todo o bom portuguez poderá dizer que o seu dinheiro luz. Foi por isso mesmo que o sr. ministro poz o nome á moeda, nome que não vem n'este caso de Lusitania mas do verbo luzir.

E será assim que o sr. Pequito terá um busto em cada rua e resolverá a crise, a anemia monetaria que afflita toda a gente que d'aqui avante não terá mais difficuldades; será assim que o sr. ministro se tornará o maior dos lusos, o pae dos lusos; espele de heros mythologico, assim como um Ulysses!



TORRES NOVAS—UM ASPECTO DO RIO ALMONDA

Os lusos correram outr'ora o mundo nos seus galões e arranjaram fama de valentes, de audazes e de sabios, ainda hoje elles correm o mundo e arranjam fama, como por exemplo esse padre algarvio, o rev. Himalaia, que está dando brado na exposição de S. Luiz com o seu invento de novo extraordinario mas logico: o *Pyreheliophoro*, *Pyr*, fogo, *Helios* sol, *Phoros* eu trago, o que é uma machina para armazenar o calor solar.

Ora o padre andou pela Europa batendo a todas as portas, annunciando-se como sabio a todas as celebridades que, diga-se á parte, não o recebiam ao ouvirem o criado explicar-lhes:

—É um padre...

—Um falso sabio, julgavam ao fecharem-lhe as entradas.

Então sabendo que á sua barba rapada devia os insuccessos, arranjou uma licença de Sua Santida-



TORRES NOVAS—OUTRO ASPECTO DO RIO ALMONDA

de para usar barbas e desde logo foi aceite pela Europa.

Diante de que acontecen a este luso é talvez bom que o senhor ministro da fazenda mande cunhar grandes barbaças na nova moeda, porque do contrario não a aceitarão, julgando-a... falsa.

Isso não será de admirar, porque entre os portuguezes traidores houve algumas vezes.

E assim como o sr. ministro se vai tornar o pae dos bons lusos, assim o Caramello será o pae dos futuros Migueis de Vasconcellos, que é como quem diz dos lusos... falsos.

ROCHA MARTINS.



TORRES NOVAS—O ROCIÓ



A COROÇÃO DO REI DA SÉRVIA — À SAHIDA DA CATHEDRAL

[Segundo uma photographia de Churreau Flatiens]

No meio do mais intenso jubilo o rei Pedro I da Sérvia foi coroado. A cerimonia foi cheia de imponencia e as tropas formavam nas ruas contendo o povo que acclamava o soberano. Pedro I, revestido no seu mastio, tendo na cabeça a coroa herdada com o bronze d'um combato tomado na guerra da independencia pelo seu antepassado Karageorges, recebeu as saudações dos subditos e prestou o juramento

nas mãos do summo sacerdote na cathedra de Belgrado. Quando recobria no pala e o um dos cavallos que puxava a sua carruagem cahir, estabelecendo-se logo um grande pânico e correndo a noticia de que tivera lugar um attentado.

Diante das circumstancias em que Pedro I sabia a honra, essa noticia ganhou fôrça e o povo n'uma grande exaltação correu ao palacio a acclamar o rei.

Houve uma parada, revista de tropas, cerimoniaes religiosas e fogos d'artificio, festas deslumbrantes a que assistiram os enviados das potencias, notando-se muito a preferencia, que o rei mostrou pelo representante da Franca, pois oade foi educado e todo os seus condiscipulos de Saint Cyr são hoje generares, alguns de grande nomeada, mesmo de universal reputação.



ACTRIZ ROSA DAMASCENO NOS «VELHOS»



ACTRIZ R. DAMASCENO NO «ALF/GENE DE SANTAREM»



ACTRIZ ROSA DAMASCENO NO «SIBRILHO DE CONFISSÃO»

A GRANDE ACTRIZ ROSA DAMASCENO

Morreu a grande actriz Rosa Damasceno, desapareceu essa gloriosa figura de mulher, que conservou todo o encanto da voz e da belleza como uma privilegiada excelsa que caminhasse sempre n'uma aureola, n'um nimbo de luz. Era ella a mais soberana encarnação d'artista do theatro portuguez, era ella a mais seductora das mulheres consagradas e que na velhice sabia encontrar sempre a nota amorosa, cariciosa e musical no fazer aquelles papeis de Ingenua, papeis incliveis que ficaram como padrões na historia do theatro nacional.

Aquella prestigiosa actriz que já em idade avançada ainda encontrava a doçura e o encanto para representar essa gentil e bulhosa Sixel do *Amigo Fritz*, toda de candidez e de frescor, era a mesma que n'uma adaptação singular representava papeis do mais lancinante poder tragico.

Rosa Damasceno morreu e a sua voz toda de mimo, voz que era rica e tinha a doçura d'um côro angelical, jámais soará, o seu vulto elegante e fino jámais apparecerá aos olhos dos espectadores arrebatados.

Fôra lindissima Rosa Damasceno, apparecera no theatro, cantara opperetta e tivera desde logo uma estrada atapetada de flôres por onde caminhou até tornar-se no brilhantissimo astro que a morte veio agora brutalmente roubar á scena.

Quando ella surgia com o seu pisar leve, com o seu rosto a que os aunos não tinham conseguido tirar a formosura, um fremito corria na plateia e geralmente uma salva de palmas lhe coroava o trabalho, sempre sobrio, bellissimo, magistral.

No theatro portuguez ella foi a brilhante companheira d'esses artistas que occupam grandes logares na scena: os Rosas e o Brazão.



A ACTRIZ ROSA DAMASCENO

Casara com o ultimo d'estes actores, ligara-se a elle e na communhão dos seus talentos e do seu amor, elles eram sempre dos nomes primeiros que se indicavam quando se falava da arte nacional. E foi junto do marido querido, n'essa propriedade do Gradil onde viviam de verão, que a illustre actriz morreu velada por aquelle que fôra seu companheiro na scena durante tantos annos e zen esposo cheio de amor e de carinho.

Morreu Rosa Damasceno, foi-se essa encantadora artista que nos deixa saudades sem par e que é insubstituivel na scena portugueza.

As peças do mais importancia que ella representou no theatro D. Maria e D. Amelia, após a *Arlesiana* de Daudet, essa peça pateada em França por incomprehendida, foram as seguintes:

Abade Constantino, de Halevy, em 1888; *Affonso VI o Alcega*, *Kibir*, de D. João da Camara, em 1890 e 1891; *Amigo Fritz*, *Alfageme de Santarem*, *Amigo das Mulheres*, *João de Thomery*, *Burguezes de Pontarcy*, *Bibliothecario*, *Tio Milhões*, *Eva*, de Lino d'Assumpção; *Estatao*, do Lopes de Mendonça; *Intimo*, de Ednardo Schwabach Lucei; *Mantilha de renda*, *Nadadoras*, *Madrugada*; *Leonor Telles*, de Marcelino Mesquita; *Genearne*, *Clara Soleil*, *Metter-se a Redemptor*, *Hamlet*, *Fera omanada*, *Guerra em tempo de paz*.

Passando no theatro D. Amelia reapareceu em 15 de outubro de 1898 nas peças o *Amigo Fritz* e *Ditosa Fado*. Depois trabalhou, sempre magistralmente, nas peças:

O que morren d'amôr, *Amôr de Mãe*, *Padre Joannico*, *Minha nora*, *Fromont & Co.*, *Meia noite*, *Viriato Tragico*, *Degenerados*, *Maridos de Leontina*, *Castello historico*, *Côrte na Aldeia*, *Corrida do facho*, *Ontra eu*, *Casa Benardson*, *Pouca sorte*, *Anto Pastori*, *Paço de Teiros*, *Segredo do Polichinello*, *Torrada*, *Resurreiçào*, *Crux da esmola*, ultima peça que representou em Lisboa em 28 de abril do anno corrente, e *O adersario*, a ultima peça que ensaiou.

O funeral de Rosa Damasceno realison-se na passada sexta feira, ficando o corpo da illustre actriz no jazigo de sua familia no cemiterio dos Prazeres.



ACTRIZ ROSA DAMASCENO NO «AFFONSO VI»

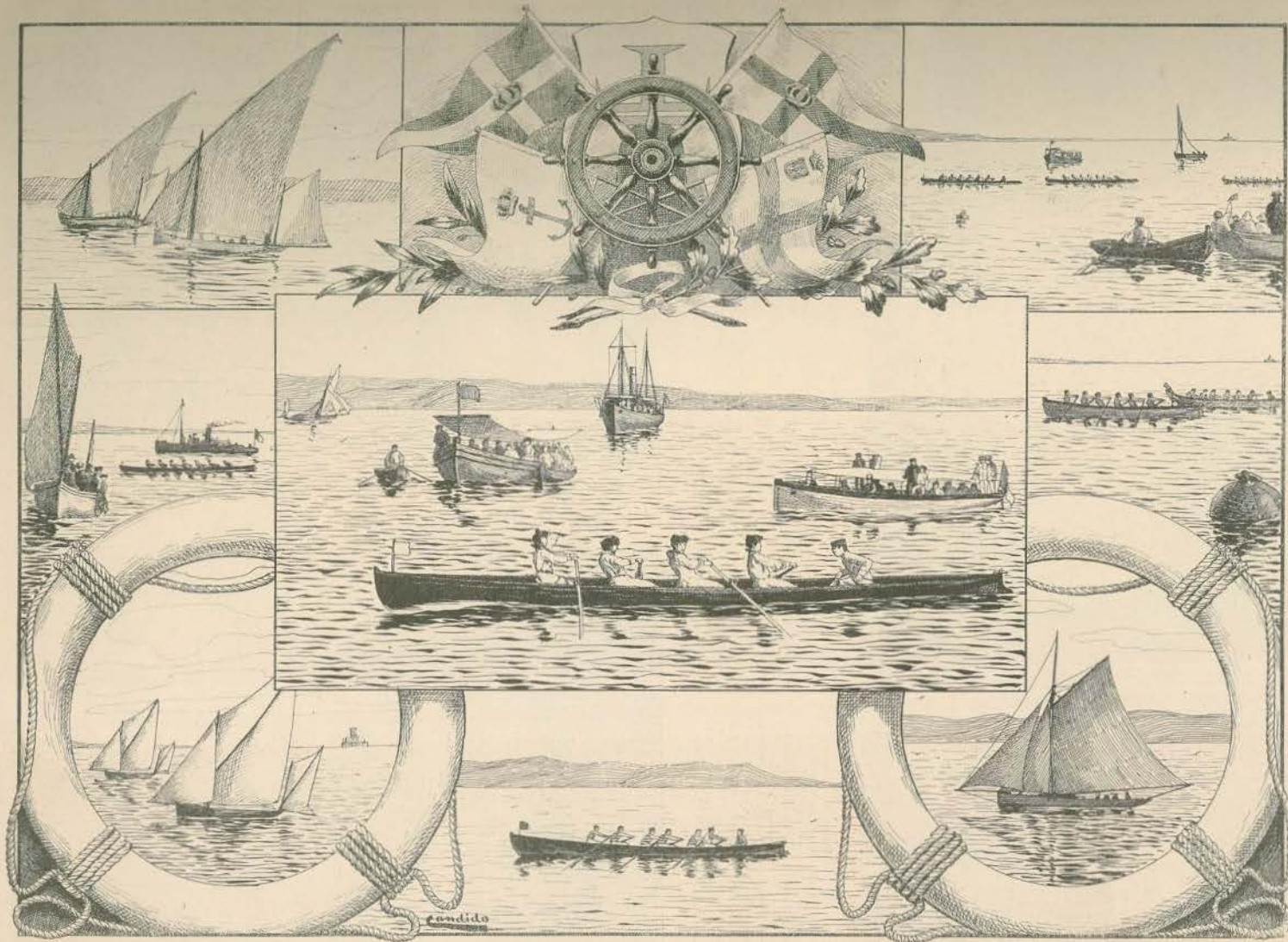


ACTRIZ ROSA DAMASCENO NO «AMIGO FRITZ»



ACTRIZ ROSA DAMASCENO NO «AFFONSO VI»

(Clichés de Bobone)



DIVERSOS ASPECTOS DA REGATA DE PAÇO D'ARCOS EM 2 DE OUTUBRO

A regata foi promovida por uma comissão de banhistas do Paço d'Arcos e na praia havia grande numero de damas que alegravam o recanto com as suas lofetas e que discutiam animadamente a parte da regata, em que tomavam parte algumas damas da sociedade elegante d'aquella localidade. A primeira corrida foi

ganha pela guiza *Castillo* do Club Matrosense, que disputava o premio com a *Eleonor* do Real Club Naval. A mais interessante parte da regata foi sem duvida a volta, em que as sahras disputavam o premio na guiza *Maria Pia* e outras na *Idalia*, sendo esta a vencedora.

A corrida de seis remos dos banhistas de Pedrouços e Paço d'Arcos foi tambem devesas interessante. Venceram os banhistas da Trafaria, que foram recebidos com grandes sahras de palmas ao chegarem á bahia.

RESIDENCIAS REAES

(Palacio das Necessidades)

Aposentos particulares — Salas — Trechos da cêrca

(Continuado do n.º 48)

11



ALCIBRIBO

LINDA e simples a sala com a sua mobilia crêmo e com as suas placas e o seu lustro que tem floribus de preciosa louca; a um lado o fogão em mármore, perto da janella a meza de descho e sobre uma outra meza antiga, entre bibelots, estão os retratos das senhoras duquesa do Palmella e a condessa do Pignelrô, como a demonstrarem o lugar que occupam entre as affeições da augusta senhora.

São estes os unicos retratos de particulares que alli estão n'esse aposento intimo. Espalham-se livros que já foram lidos e ali estão como objectos queridos que se descejam ter á mão e apparece entre elles o volumo amado de Guy Maupassant—esse fino estylista que morreu n'uma casa de doídos — *O René Maupérian*, todo de miuas tintas e de surpresas, ao lado de *Les Vieilles Mutilés* de Anunzio, esse quente prosador do *Ilfaço*. Ha o cavalheresco romanceiro de Cid que tom por vizinho o volume das poesias de Gauthier, o dicitio, o supremo Theo. Ha os numeros da *Revue de la Tuberculose* que



SALA ENCARNADA

se publica em Paris sob a direcção do Buchard e *La Lucie contre la Tuberculose* assignada por Guervillo.

Ao fundo, n'um canto, um bello armario cheio de bibelots preciosos e em face da meza do desenho um retrato de S. M. etrei.

E' alli que S. M. a rainha passa mais tempo, desenhando e conversando com as pessoas da sua intimidade, e ali, no aposento de enjas janelas se avista o Tejo, que S. M. lê e passa muitas vezes os dias com essas revistas da tuberculose que são como um ensinamento para

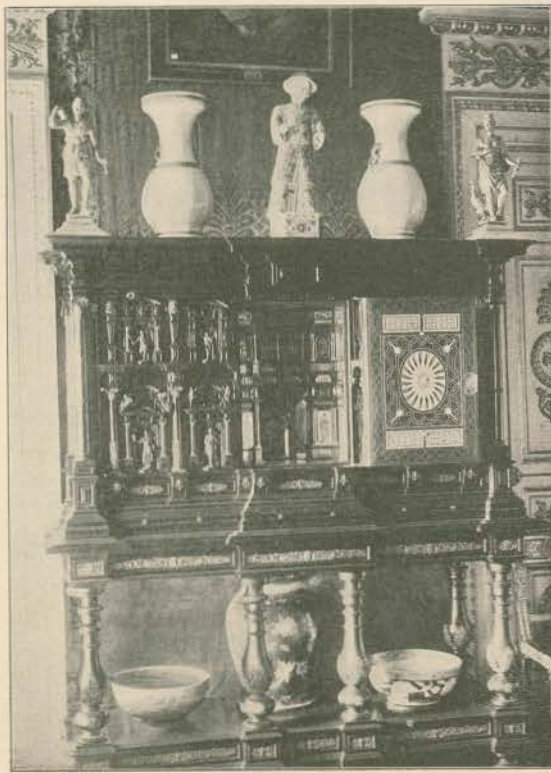
a grande obra de caridade que tanto preoccupa a augusta senhora; a obra que tem fructificado e que é toda de bem e de generosidade.

Quando sahimos d'alli levavamos bem funda a impressão do trabalho de S. M. e ao passarmos ás outras salas era ainda a recordação que levavamos, a d'essa soberana dedicandose aos pobres, como n'aquelle mesmo palacio fez outr'ora a santa rainha Estephania, a flor bendita e sacra d'um tronco real.

O quarto d'el-rei fica na ala opposta e é vasto. Pelos



SALA DE MUSICA



UM CONTADOR

paredes ha falanças caras, o leito é uma maravilha, a biblioteca dos seus avoços preferidos está no lado opposto junto a um moçal facido e grande como um leito. Fica além da sala do throno, pomposo logar todo de carmezim e mobílias douradas o que comminca com os aposentos reais por uma porta branca frisada a ouro.

São os antigos aposentos de D. Fernando, que alli installou, além d'uma magnifica galeria de quadros, uma sala d'armas em que ha manequins com armaduras, punhas, espadas, montantes, obras d'arte e montado n'um cavallo um guerreiro da idade media que parece prompto para um torneio. A armadura que o reveste foi offerecida por Victor Manuel.



A GALERIA

Essa parte dos aposentos é verdadeiramente maravilhosa, cheia de encanto e de valor e d'ella se sabe por uma pequena escada que deita para o pateo das Côrtes, assim chamado em memoria das côrtes reunidas no edificio em 1821.

Contigua á sala do throno fica a sala azul, onde se fazem os despachos, onde tem logar a semana assignatura real.

E' bem outro sobre azul aquella casa que só azul e ouro tem desde o tapete aos tetos, desde as poltronas



UM ASPECTO DA SALA DO THRONO

largas, abluçães e pomposas até á meza sobre a qual os ministros pensam as suas pastas quando tomam logar nas cadeiras singelas e douradas, ficando o rei n'uma larga poltrona á cabeceira da meza em face do presidente do conselho. Junto ás janellas ha jardões para plantas e nas paredes varios quadros antigos, destacando-se um soberbo Riehaert.

Na sala encarnada, que fica ao lado, ha um bellissimo quadro de Holbein que atrahê a vista e chama á contemplação, bem como nas contadores, verdadeiras obras primas. Moveis d'outras edades com um forte cunho de renascimento, elles são bem moveis reais com as suas dez figuras douradas, as suas gavotinhas, os seus esconderijos, n'uma pompa de cousas de igreja ou de sala de throno, encantando e seduzindo, alim n'essa casa forrada de vermelho e cujos moveis tem bordados antigos assim como um reposteiro onde se mostram velhas armas reais em fios d'ouro, trabalho d'esses

de talha que é um supporte o onde ha episodios da vida de Christo, em espelhos nas paredes o moveis dourados e ricos. Por uma porta ao fundo passa-se á sala de bilhar contigua á de musica, onde vemos as pinturas do tecto e das paredes com um ar solemne com traços directos de artistas extraordinarios. O grande piano pouca a um canto e junto d'ello cadernos e fasciculos de musicas de grandes mestres. Sobre uma meza um navio em bronze offerecido a SS. MM. pela cidade de Paris e n'uma meza que fica á esquerda vemos grande numero de publicações. São musicas de Verdi, de Massenet e outros. Estão ali, além dos cadernos das *Chefs d'Oeuvres*, partituras dos *Huguenots*, do *Troçador*, da *Boldura*, do *Petit Duc* e do *Rei de Lahore*.



UM ASPECTO DA SALA AZUL

bordadores antigos que tinham mãos transparentes e suaves habituadas a bordar casulas e mitras de prelados e toalhas e pallios para os altares e para servirem de baldaquinos ao Altissimo.

A seguir ha uma outra sala onde se destaca a bella obra

E n'outra meza vemos illustrações inglezas em que vemos detalhes da guerra russo-japonesa, trechos do chaclua, e ataques do fortalezas, retratos de marechãos, carnificinas, festejos e tomadias. Então apparece-nos n'outro ponto da meza a *Illustração Portuguesa*, a unica publicação nacional que ali se encontra, o que bem demonstra a attenção e o interesse que S. M. dispensa á nossa revista, o que nos é summamente grato. A *Illustração* ali está com as extravezinas n'uma prova absoluta de apreço da parte do augusto soberano, que é um grande cultor das artes e a ellas dedica uma parte das horas que lhe deixam os negocios de Estado.

(Conclue no proximo numero)



UM ASPECTO DO REAL PALACIO DAS NECESSIDADES



ALFERES ALBINO CHALOT



ALFERES ADOLPHO FERREIRA



ALFERES ANTONIO DA TRINDADE



ALFERES MATHIAS NUNES



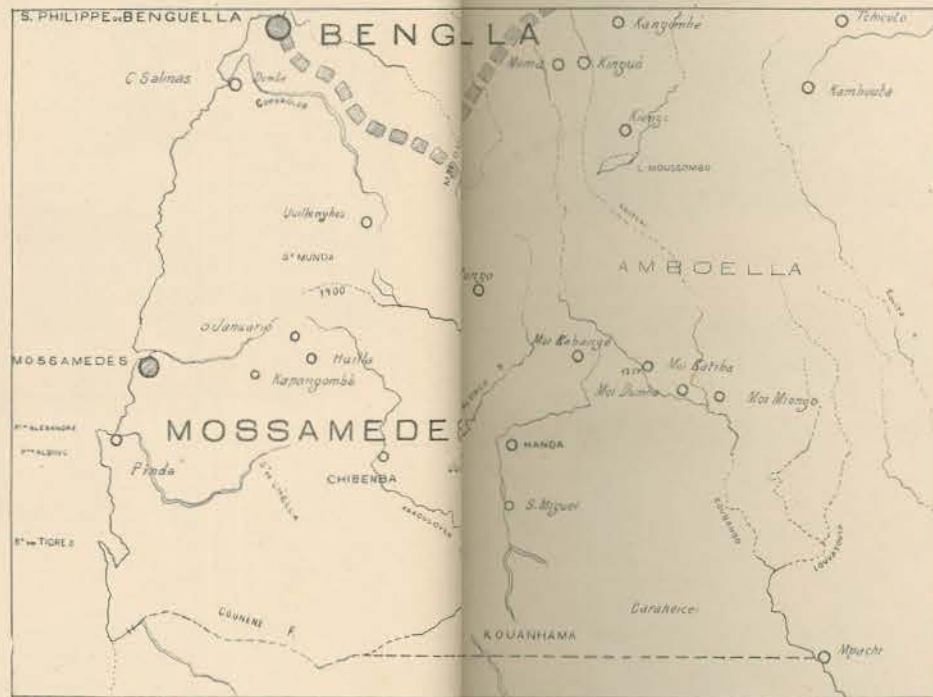
ALFERES IGNACIO NUNES



ALFERES FRANCISCO BEZENDE



ASPECTO DA REGIÃO CUAMATA



MAPPA DE OPERAÇÕES



ASPECTO DA REGIÃO CUAMATA



JOÃO ROBY
2.º tenente de marinha



ALFERES LUIZ RODRIGUES



PORNHAMA



ALFERES ALBERTO THEMUDO



DR. MANUEL DA SILVEIRA
Médico de 1.ª classe da armadã

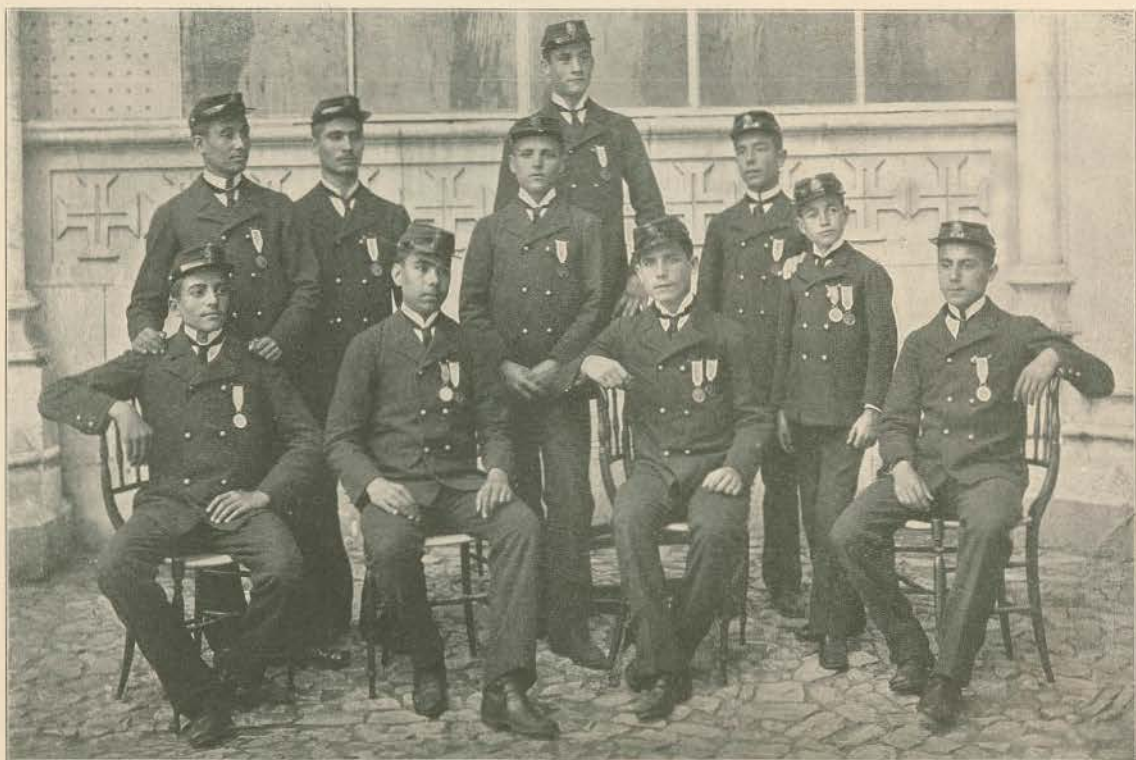
A notícia d'este terrível desastre impressionou vivamente o país e veio lançar a luz sobre as armas portuguezas. Habituals a constantes victorias em Africa, victorias que foram colhidas no socorro soldados entre os melhores do mundo, a derrota agora soffrida cah sobre nós como uma calamidade e tem demonstrar a razão que tinha a imprensa, quando, com o *Século* á frente, achava insufficiente o numero de expedicionarios. Para demais já desde 1896 se sabia as forças de que dispunham os seus inimigos, pois tendo ido ali em commissão o capitão Luiza de Carvalho, teve occasião de dizer algumas cousas so-

GUERRAS D'AFRICA: ALGUNS OFFICIAES PORTUGUEZOS NA GUERRA DOS CUANHAMAS—ASPECTOS DA REGIÃO
bre a situação dos cuanhamas. O regulo Jula vivia em Oujiva e na sua residencia havia mobilisados numeros, como lances, veados e acanchoes. O destacamento que se encontrou dos cuanhamas tropes e elle vestia a campada, com os seus grandes. Os cuanhamas tinham cerca de 15000 guerreiros composto de dois pelotões de infantaria europia, quatro pelotões de infantaria indigena, duas bocas armadas á moderna, dispunham entre elles de boas cavalarias e este numero deve ter augmentado de duas a tres vezes de artilheria, na totalidade de 400 homens, dos quaes foram mortos 254, consideravelmente até agora, calculando-se em 50000 homens as suas forças actuaes.
Foi por isso uma temeridade atacar os seus vilarejos dos herreiros, famosos guerreiros que em O corpo principal da columna não saíram em Inga e concentraram-se no dia seguinte no Hambo tas encontros tem batido as tropas alemãs; porém devido os nossos termos vencido se fosse tentado dahi a chaxina, pela noite as margens do Guesso, sendo se atacantes as cuamatas, poro allia

de dos cuanhamas e como elles dispunham de forças importantes. O commandante das tropas era o capitão de engenhearia João Maria d'Aguiar, governador de Haia, que se encontrava com a columna, pois do rostrario teria sido victima com os seus camaradas.
Official valente e distincto, sem duvida tirará uma brilhante desforra d'este desastre que tanto vem enlutar a patria portugueza.



A HOMENAGEM DOS ADMINISTRADORES DOS CONCELHOS DO DISTRICTO DE LISBOA AO SR. GOVERNADOR CIVIL.
O SR. GOVERNADOR CIVIL NO SEU GABINETE DE TRABALHO



A DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS AOS ALUNOS DA REAL CASA PIA DE LISBOA — OS ALUNOS PREMIADOS



AS PERSEGUIÇÕES DO POVO AO HOMEM MACACO

Aquella desgraçado lycanthropo, Albano de Jesus, já cognominado o homem macaco pelas esbriciadas e saltos a que a sua enfermidade o obriga, foi ha dias victima de perseguições barbaças da parte d'uma multidão que o apedrejou e o apunhou, como se elle fosse ainda na idade media. O diabolico, caso raro de nevroses, exemplar pathologico que gera piedade, tendo recolhido a sua pobre casa após um

ataque que o fizera saltar os muros do cemiterio dos Prazeres, era espiado por grande quantidade de povo, que o excitava. Havia perto de quinhentas pessoas na rua Maria Pia, e o rapaz, na fúria de se ver assim apedrado, teve segundo ataque. Então, aos saltos formidáveis, aos rivos e aos burros, passou por entre a turba, que coradamente se atastou para o apedregar de seguida como a um ente indigno

de clemencia. A policia prevenida do caso interveiu e só a custo ponde dispersar a multidão, fazendo algumas prisões e continuando o desatino ao governo civil e d'all se hospital de Ribatão, onde ficou em observação. E-capou assim a selvagem crueldade d'um povo que dizia de semelhante anomalia só busca dar pasto aos seus instintos grosseiros e pouco humanitarios.

(Segundo um croqui)



A ASSEMBLÉA GERAL DA ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS SOB A PRESIDENCIA DE S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA

Na sala do conselho do Estado, no ministerio do reino, reuniu a assemblea geral da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, tendo presidido S. M. a rainha, secretariada pelos sr. dr. Jones e Carlos Roma da Boanga. A assistencia era fidal

ga e numerosa, estando representadas as casas mais nobres de Portugal. O sr. coronel Roma da Boanga leu o relatorio, que foi approvado, falando depois o sr. dr. Silva Joaze. Mais uma vez ficou demonstrado d'esto modo o interesse que merece

a humanitaria obra de S. M. a rainha e mais uma vez a nossa sociedade mostrou quanto lhe são caros os desgracados anitados p'lo terrivel mal, ao qual por todos os modos busca dar lenitivo.



SR. AZVEDO BORGES
Administrador de Loures



SR. D. FERNANDO CASTELLO BRANCO
Administrador de Cascaes



SR. MANUEL LUIZ DE CARVALHO
Administrador de Setúbal



SR. JOAQUIM GONÇALVES ROSA
Administrador de Torres Vedras



SR. AUGUSTO CARDIM
Administrador de S. Tiago do Cacem



SR. ESTYVES JUNQUEIRA
Administrador de Villa Franca



SR. EDUARDO FERNANDO BARBOSA
Administrador de Setúbal



SR. D. JOÃO PÉRRERA COUTINHO
Administrador de Alcochete



SR. COSME DE MESQUITELLA
Administrador de Cistua



A TAÇA OFFERECIDA AO SR. GOVERNADOR CIVIL



SR. D. ANTONIO BARROS GOMES
Administrador de 2.º bairro de Lisboa



SR. ALFREDO GALLIS
Administrador de Barcelos



SR. AUGUSTO S. BOAVENTURA
Administrador de Almada



SR. JULIO PALMEIRIM
Administrador de Ourense



SR. DUARTE HOLMECHE
Administrador de Alenquer



SR. LEONEL DE MELLO
Administrador de Mafra



SR. JOÃO NORONHA
Administrador da Assemblia

A HOMENAGEM DOS ADMINISTRADORES DOS CONCELHOS DO DISTRICTO DE LISBOA AO SR. GOVERNADOR CIVIL
OS ADMINISTRADORES DOS CONCELHOS

Uma homenagem toda affectuosa e cheia de grandezza os administradores dos concellos offereceram ao seu chefe, o sr. conde de Sabrosa, uma magnifica taça que foi feita na ourivesaria de Lisboa. Essa homenagem tão espontanea e tão cavalheiresca bem demonstra o respeito e affetto que o illustre governador civil de Lisboa merece aos seus subordinados. Uma commissão

foi ao governo civil fazer a entrega da taça ao chefe de districto, que teve palavras de gratidão para todos e, cheio de commoção, agradeceu tão bizarra lembrança, dizendo que essa taça ia occupar um altissimo logar entre as suas recordações mais queridas.

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

Magestosamente, com o vagar de um monarca, Cagliostro desceu, perguntou ao hospedeiro:

— Veiu procurar-me sua excellencia o embaixador da Inglaterra?

— Ainda não veiu! — clamaram as vozes da creadagem em côro.

Com um gesto real, fazendo brilhar ás luzes das lanternas os diamantes dos anéis, Cagliostro estendeu na mão aberta, ao segeiro, a moeda de ouro.

— Quero a sege limpa amanhã, ás nove horas, para me levar a casa do senhor desembargador Pina Manique!

O homem debruçou-se na sella, estendeu a mão tremula e arripiada para a moeda de ouro, enquanto a condessa de Stephanis descia da sege vermelha, salpicada de lama até ao tejadillo.

Contemplando os cavallos derrivados, Cagliostro aproximara-se mais do segeiro, examinava-o atentamente, procurando a policia sob as feições aterradas do homem.

Mas o segeiro tremia como um criminoso apunhado por uma sonda de moirinho e os seus olhos inquietos apenas procuravam em redor o caminho da fuga.

O Senhor de Sarlines não deixou escola em Portugal. — pensou Cagliostro, com um sorriso tranquillo.

— Quaes foram as ordens que te deram, tratante? — perguntou baixo e imperiosamente.

— Esperar na Encarnação uma escolta!

— E seguir com ella?

— Para casa do senhor Intendente.

— Irems lá amanhã sem escolta.

Cagliostro voltou-se para a creadagem, com a mão no

puncto doirado do espadim.

— Dêem de beber e de comer a este homem. E' um

creado fiel, que me emprestou o sr. Intendente da Policia!

E apparatusamente, atrás dos brocados de Lorenza, subiu a escadaria de pedra, apoiando no mainel de ferro, com indolencia, a mão fahlante do joias falsas.

Debaixo d'essa calma, com que vestia grandiosamente a sua Imaginaria geographia, Cagliostro, levava o espirito inquieto e o coração em sobressalto.

Mal a porta do quarto se fechou, o actor abandonou as suas attitudes.

Pensando o tricornio agalado sobre um tremó e cruzando os braços, voltou-se para a desfallecida condessa de Stephanis, que outra vez soluçava, de brucos n'um canapé de velludo.

— Vamos viver em guerra, Lorenza?

Longamente, sacudindo, como uma creança, os seus cabellos louros, que reluziam sob os polvilhos á luz das velas de cera, Lorenza fez um esforço afflictivo para fallar e rociou-o emudecida, como fulminada pelo olhar ardente que lhe atava a vontade, lhe paralyzava a voz e lhe fechava as palpebras.

Os labios de Cagliostro agitaram-se n'um fremito cruel.

Abstrusos pensamentos continham-o immovel, contemplando a sua obra: aquella corteza de aspecto virginal, amante de cordeiros, como Imperia, em que transformara a filha do fundidor de cobre.

Até ás raizes da vida, essa eructura delicada e côr de rosa pertencia-lhe, como a flor pertence á arvore, como o perfume pertence á flor. Elle fôra para ella uma segunda natureza. Fôra elle o Deus corruptor e perverso, que a creara, infocunda e infantil, como um briqueado impuro de amor. Na corolla d'aquelle lyrio distillara todos os venenos. N'aquelle corpo de serafim, introduzira uma alma de Mossalina.

E de tal gôto conseguira o milagre de exortar a corleza dentro do anjo, que ella conservava a frescura de uma virgem depois de haver relado em cem leitões libertinos. Deusses mãos consumira em destrui-lhe o pudor, em adormecer-lhe a vontade, em anestesiá-lhe o coração, apoderando-se-lhe lentamente da alma, reduzindo-a a um animal teatador e ignorante. Dissimuladamente, sob as apparencias inoffensivas de uma donzella, podia mandar para cada leito de amante poderoso aquella espia segura.

Fôra ella, assim ingenua e ignorante, quem lhe preparara o caminho no coração de Rohan. Todos os seus talentos diabolicos se tinham podido exercitar na conquista do cordeal, com o auxilio d'aquelle cumplice submissa. Só a intriga de madame de la Motte pudera fazer desabar aquelle monumento de habilidade, paciente-mente construido desde Strasburgo. Na hora do triumpho, quando pensava em reconciliar a filha de Maria Theresza com o antigo embaixador da Franca em Vienna d'Austria; quando ia agitar a maconaria n'essa obra ardilosa e formidavel, substituindo Rohan a Bretenil, uma ladra redizera a pé esse vasto plano politico, que transformaria os destinos da Franca!

Era necessario recomecer com o principe a obra inutilizada com o cordeal. Tentara fazer um ministro em Paris, e era preciso agora fazer um rei em Lisboa. Mas no momento em que a seroia devia recomecer a obra de seducção, os primeiros symptomas de revolta agitavam a escrava!

Um fundo desespero deixava-o acachurrado sob aquelle destino adverso.



LORENZA

Alguma coisa do anjo teria ficado nas profundidades mais occultas d'aquelle alma velada? A corteza ia recuperar o pudor? A seroia ia insubordinar-se? No instante em que precisava de manjar esse terrivel instrumento de corrupção, ia vôto resistir ás suas ordens, n'uma primeira tentativa de prisioneira para se libertar das algemas? Era na propria hora em que pretendia fazer d'ella uma Du Barry ou uma Maintenon, que a peccadora se queria arrepender e regenerar?

A colera punha nos seus olhos um clarão de ameaça, ao contemplar Lorenza, curvada no canapé de velludo, e ao ver-lhe o arfar afflictivo dos seios no decoto.

Recomecer a vida antiga de alchimista e propheta, rondando como um bohemio nos pateos dos palacios, vendendo, como um charlatão, balsamos e elixires, era cômbar para a força ou para o carcere por um caminho de miseria e de fome! Não voltaria a percorrer a Europa, sob a vigilância das pelicias, negociando a mulher e a vida por cada dobrão de ouro. Essa aprehição fora demasiado dolorosa para tentar ainda a sua alma esculpada de ambicões. Sentia-se digno de ser mais do que um bohemio. Os segredos de que se apressara, e conhecimento que adquirira dos homens, destinavam a desempenhar n'essa hora de revoluções iminentes e de desorientação universal, n'um d'esses dramas politicos, que põem nas mãos do aventureiro os destinos de uma nação, um papel decisivo e preponderante. Quando tivesse desarmado esse contendor perigoso, que era o Intendente, e desviado da corte esse omissario secreto da Inglaterra, que a sua perspicacia descobrira em lord Bockford, Portugal seria um campo de recreio e de parada para as evoluções da sua astucia. Então, o coude do Stephanis substituiria definitivamente Cagliostro e nunca mais reanunciaria José Balsamo. Mas para pôr de pé esse difficil e confuso plano, era necessario que as seducções de Lorenza fossem na frente, abrindo o accesso do ingenuo caminho, adormecendo nos braços as desconfianças, conquistando o coração d'aquelle principe agitado e ambicioso, corrompendo as suas virtudes, fatigando e prostrando em gozos clandestinos a sua energia viril, transformando o discipulo de Pombal no discipulo de D. João V. Elle, que assistia á entronhacão da Du Barry, sabia como se creavam e impunham as favoritas! Para vencer, bastava que as caricias de Lorenza penetrassem em todas as alcovas, que os seus beijos chiltrassem no leito do arcebispo e que as suas caricias fizessem estremeceor, auxiliadas por fillos amorosos, a solidão voluptuosa do velho Marialva. Com ella, corromperia todas as

consciencias; com as suas mãos peccadoras abriria todas as portas; com a sua bocca côr de rosa calaria todas as accusações; junto da calidez do seu corpo macio adormeceria todos os suspetaes! E se a nobreza resistisse, lançaria com os jesuitas contra o throno, renovaria o artil de Pombal, levantaria os cadafalsos contra os seus inimigos e as suas ambicões!

Mas todo esse edificio se desmoronava, se a escrava se recusasse a obdecer! O futuro, com a riqueza, o predomínio e a gloria, estava nas mãos impuras e infantis d'aquelle mulher lacrimosa e soluçante, que pela primeira vez se insubordinava, como um cavallo manso, que o pavor transfigura subitamente n'um animal indomavel, recalcitrante á espôra e insensivel ao freio.

Um accesso maior de impaciencia e de colera endireitava-o em frente a essa mulher insubmissa, a essa escrava em rebelião.

A' luz das velas de cera, a sua face tornara-se livida até aos buccos empoados da cabeloira.

As suas mãos estenderam-se para Lorenza, que estremeceu, como se laminas de espadas se lhe embalcessem no sangue.

Calhando de joelhos, a escrava vergou a cabeça sob o olhar fulgurante do senhor. As lagrimas paravam de correr nas suas faces de morte. Os soluços emudeceram no seu seo offegante. Um véo parecia passar nos seus olhos apagados.

Mas, subitamente, as mãos diabolicas desceram, o olhar terrivel desviou-se da pobre victimia desfallecida.

— Acorda! Não quero que durmas! — disse imperiosamente Cagliostro.

Lorenza esfregou os olhos, passou as mãos pallidas pela face, ergueu-se, como uma resuscitada; cambaleando e trilhando, sentou-se no canapé com um fundo gemido.

Cagliostro continuava a olhar-a, pensativo.

Era perigoso levá-la pela força, compratras para essa aventura como uma cega sem discernimento, como uma não sem leme.

Podia impellil-a, como um grande vento que conduz um navio, adormecel-a em sonhos magneticos successivos, ordenar-lhe uma conducta, escravidão ás suas ordens. Mas desapparecia-lhe a cumplicidade consciencia. Com um passo em falso, ella poderia precipital-o em um abyssu.

A prudencia aconselhava-o a tentar a reconquista d'aquelle alma rebelde.

Em passos vagarosos, Cagliostro approxinou-se do

Lorenza, sentou-se a seu lado no campê de velludo. E, chagando-a a si, envolto-a nos braços, simulando lagrimas verdadeiras, a sua voz imperativa transformava-se em murmúrios ternos e supplicantes.

Longamente, affagando aquelle fragil corpo insubmissivo, elle evocou a vida tormentosa d'esses dezesseis annos, fez reviver todas as humilhações, todas as miserias, todos os anigos ultrages padecidos.

O desejo de revanche a uma complice illuminava de uma vida eloquente e megalica essas descripções angustiosas. O apozento parecia encher-se com todas as sombras terríveis que elle evocava, desde as prisões de Inglaterra até ás perseguições da Russia. Com uma voz que ha enrouquecendo, elle amentouva as miserias, como um conquistador que expõe os despojos de uma batalha, procurando commover a companheira de infortúnio, contagiando-a com a sua sede inalteravel de reproballas e vinganças. Nos seus projectos, reservava-lhe os mais gloriosos destinos! Essas felicidades que lhe promettera em Roma, quando ella era ainda nua creança, pouco lhe faltava agora para as alcançar! E como esperanças, entre essas evocações dolorosas, elle fazia passar os dias opulentes de grandeza, as horas de prestigio, as viagens na Hollanda, acompanhado de comitivas do príncipe, com lacaios, batedores e escudeiros vestidos de librea sumptuosas, entre as aclamações da multidão; os banquetes de Leipzig; os triumphos da Corlandia, onde o povo o quizera eleger duque soberano; as riquezas arrecadadas em Varsovia; e finalmente a conquista do cardinal Luiz de Rohan, grande esmolter de França, commandador do Espirito Santo, príncipe do Imperio, *landgrate* d'Alsacia, que no soco do seu husto mandara esculpir em letras de ouro as palavras prestigiosas: *Dico Cagliostro!*

— Porquê ter medo, Lorenza? Os homens são grandes creanças croudas, que só as paixões tornam ameaçadoras! As mulheres, que se riram de ti, beijam as sandalias de um frade! Amanhã hão de curvar se á tua passagem, disputar os teus sorrisos! Esses homens arrogantes são creaturas deveradas por ambições mesquinhas, promptos a beijar a mão que lh'as satisfaz! Ter medo é voltar as costas á fortuna, Lorenza! Ter medo é caminhar para o calabouço! Ter medo é morrer! Queres vinglar-te dos rios d'essas mulheres empumadas? Queres ter todas as joias do Brazil sobre os teus hombros? Queres ter cinquenta creanças para servir-te? Queres ter uma corte a teus pés? Os ministros a adular-te? A policia a obsecer-te? A fortuna caminhar mais depressa do que os teus desejos! Dar-te-hei tudo! Dize o que queres...

Muito pallida, descendo as mãos tremulas pela face, Lorenza murmurou:
— Senhor, quero a virtude!
Cagliostro balouçou a cabeça.
— E o que é a virtude?
Lorenza encolheu os hombros, ficou a olhar, absorta, as flores da saia.
— Senhor, quando me conhecestes em Roma, eu era virtuosa...

— Eras uma creança! A virtude é uma morlaça com que os fortes immobilizam os humildes! Mais te valia casar com um aprendiz de teu paes, comer pão negro, alimentarte com o teu leite de filhas! E' isso a virtude! Erguendo os olhos claros e limpados no cêo e deixando cair as mãos embonecradas de aneis no regaço de seda, Lorenza murmurou com infinita dor:
— Casel convosco, senhor, e sou apenas uma corteza!
— Está cheio d'ellas o cêo! — disse Cagliostro, sombriamente.

— Senhor, que blasphemias!
— Estive no convento de Castalgrone e estudei theologia!

— Dizeis impiedades!
Cagliostro curvou a cabeça. Um suspiro dilatou o seu peito de athleta.

Esse homem, que tacteara todas as miserias humanas, que investigara os recessos mais occultos da vida, que durante trinta annos estudara os homens e procurara penetrar nas regiões subterraneas das almas, via rebelar-se contra si a mentira humana, perfidia e resistente, como a raiz do tojo, na alma de uma mulher. Como conseguir provar a nua creança ignorante, apunhada no lixo de Roma, que todos os poderes da terra provinhavam da victoria do mal sobre o bem; que essas codices de moral eram as unicas fortalezas que defendiam no universo os privilegios dos felizes?

A consciencia de que seriam inuteis as supplicas e indigna da sua força aquella contenda venceu os seus ultimos receios.

Bruscamente, approximou-se, seguran as duas mãos de Lorenza entre uma das suas e elevou, aberta, á altura da sua frente, a mão livre.

Uma agitação nervosa, como um arrepio de frio, percorreu o corpo de Lorenza.

A mão aberta de Cagliostro descia verticalmente e lentamente da sua frente até á sua cinto flexível. E á medida que a mão descia, as palpebras fechavam-se, os labios empallidesciam, o seio deixava de arfar. Uma ultima contração de resistencia estremeceu o pobre corpo escravizado.

Mas a mão, que se fechara um instante, abriu-se de novo, á altura dos cabellos loiros, e outra vez desceu com lentidão, até que gradualmente, saturada de fluido, Lorenza deixou pender a cabeça aniquillada.

Como quem levanta uma penugem, Cagliostro ergueu nos braços o corpo inanimado, atravessou a sala, afastou o repositero da alcova e depoz sobre o grande leito de columnas a insubmissa Lorenza.

Piedosamente, sobre o pobre corpo descomposto, estendeu ainda uma cobertura de seda vermelha e ficou por um instante curvado, escutando a respiração dobil da adormecida.

Depois, em passos lentos, voltou á sala, viu as horas no relógio, tirou dos bolsos as duas pistolas, examinou-as á luz das velas, sumtu-as entre os seus abas do redingote e encaminhando se para a porta, como se fallasse a Deus ou ao Demónio, disse baixio:
— Começa agora a batalha!

(Continua.)

FOLHETIM N.º 7



DEPOIS, EM PASSOS LENTOS, VOLTOU Á SALA



A FEIRA EM VILLA FRANCA
 ASPECTO GERAL DE VILLA FRANCA—TOUROS NA PRAÇA—OS CAMPINOS—FORASTEIROS—ASPECTO DA FEIRA

É sempre cheia d'interesse essa feira de Villa Franca, a qual concorrem indivíduos das localidades vizinhas. São sempre bem recompensados os esforços que se fazem para dar todo o lustro à feira, porque os negócios compassam todos

as fadigas. Houve touradas durante os três dias e grande numero de forasteiros all foram sendo recebidos magnificamente pela gente da localidade. No segundo dia da feira o gado que ia para a praça tremolhou-se, pondo n'um perigo imminente os

espectadores e devendo-se à muita habilidade dos campinos não haver desastres a lamentar, pois elles conseguiram fazer entrar o gado na praça, após mil difficuldades. As festas foram surprehentes e cheias de animação.